**ANEXO III**

TERMO DE CONCILIAÇÃO JUDICIAL FIRMADO ENTRE O MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO E A UNIÃO

O MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO, neste ato representado pelo Procurador Geral do Trabalho, Dr. Guilherme Mastrichi Basso, pela Vice-Procuradora-Geral do Trabalho, Dra. Guiomar  
Rechia Gomes, pelo Procurador-Chefe da PRT da 10ª Região, Dr. Brasilino Santos Ramos e pelo  
Procurador do Trabalho Dr. Fábio Leal Cardoso, e a UNIÃO, neste ato representada pelo Procurador-Geral da União, Dr. Moacir Antonio da Silva Machado, pela Sub Procuradora Regional da União - 1ª Região, Dra. Helia Maria de Oliveira Bettero e pelo Advogado da União, Dr. Mário Luiz Guerreiro;

CONSIDERANDO que toda relação jurídica de trabalho cuja prestação laboral não eventual seja ofertada pessoalmente pelo obreiro, em estado de subordinação e mediante contraprestação pecuniária, será regida obrigatoriamente pela Consolidação das Leis do Trabalho ou por estatuto próprio, quando se tratar de relação de trabalho de natureza estatutária, com a Administração Pública;

CONSIDERANDO que a legislação consolidada em seu art. 9º, comina de nulidade absoluta todos os atos praticados com o intuito de desvirtuar, impedir ou fraudar a aplicação da lei trabalhista;

CONSIDERANDO que as sociedades cooperativas, segundo a Lei n. 5.764, de 16.12.1971, art. 4º, “(...) são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas à falência, constituídas para prestar serviços aos associados”. CONSIDERANDO que as cooperativas podem prestar serviços a não associados somente em caráter excepcional e  
desde que tal faculdade atenda aos objetivos sociais previstos na sua norma estatutária, (art. 86, da Lei n. 5.764, de 16.12.1971), aspecto legal que revela a patente impossibilidade jurídica das cooperativas funcionarem como agências de locação de mão-de-obra terceirizada;

CONSIDERANDO que a administração pública está inexoravelmente jungida ao princípio da legalidade, e que a prática do merchandage é vedada pelo art. 3º, da CLT e repelida pela jurisprudência sumulada do C. TST (En. 331);

CONSIDERANDO que os trabalhadores aliciados por cooperativas de mão-de-obra, que prestam serviços de natureza subordinada à UNIÃO embora laborem em situação fática idêntica a dos empregados das empresas prestadoras de serviços terceirizáveis, encontram-se à margem de qualquer proteção jurídico-laboral, sendo-lhes sonegada a incidência de normas protetivas do  
trabalho, especialmente àquelas destinadas a tutelar a segurança e higidez do trabalho  
subordinado, o que afronta o princípio da isonomia, a dignidade da pessoa humana e os valores  
sociais do trabalho (arts. 5º, caput e 1º, III e IV da Constituição Federal);



CONSIDERANDO que num processo de terceirização o tomador dos serviços (no caso a  
administração pública) tem responsabilidade sucessiva por eventuais débitos trabalhistas do  
fornecedor de mão-de-obra, nos termos do Enunciado 331, do TST, o que poderia gerar graves  
prejuízos financeiros ao erário, na hipótese de se apurar a presença dos requisitos do art. 3º, da  
CLT na atividade de intermediação de mão-de-obra patrocinada por falsas cooperativas;  
CONSIDERANDO o teor da Recomendação Para a Promoção das Cooperativas aprovada na 90ª  
sessão, da OIT – Organização Internacional do Trabalho, em junho de 2002, dispondo que os  
Estados devem implementar políticas nos sentido de: “8.1.b Garantir que as cooperativas não  
sejam criadas para, ou direcionadas a, o não cumprimento das leis do trabalho ou usadas para  
estabelecer relações de emprego disfarçados, e combater pseudocooperativas que violam os  
direitos dos trabalhadores velando para que a lei trabalhista seja aplicada em todas as  
empresas.”

RESOLVEM

Celebrar CONCILIAÇÃO nos autos do Processo 01082-2002-020-10-00-0, em tramitação perante  
a MM. Vigésima Vara do Trabalho de Brasília-DF, mediante os seguintes termos:

Cláusula Primeira – A UNIÃO abster-se-á de contratar trabalhadores, por meio de cooperativas  
de mão-de-obra, para a prestação de serviços ligados às suas atividades-fim ou meio, quando o  
labor, por sua própria natureza, demandar execução em estado de subordinação, quer em  
relação ao tomador, ou em relação ao fornecedor dos serviços, constituindo elemento essencial  
ao desenvolvimento e à prestação dos serviços terceirizados, sendo eles:

a) – Serviços de limpeza;

b) – Serviços de conservação;

c) – Serviços de segurança, de vigilância e de portaria;

d) – Serviços de recepção;

e) – Serviços de copeiragem;

f) – Serviços de reprografia;

g) – Serviços de telefonia;

h) – Serviços de manutenção de prédios, de equipamentos, de veículos e de instalações;

i) – Serviços de secretariado e secretariado executivo;



j) – Serviços de auxiliar de escritório;

k) – Serviços de auxiliar administrativo;

l) – Serviços de office boy (contínuo);

m) – Serviços de digitação;

n) – Serviços de assessoria de imprensa e de relações-públicas;

o) – Serviços de motorista, no caso de os veículos serem fornecidos pelo próprio órgão licitante;

p) – Serviços de ascensorista;

q) – Serviços de enfermagem; e

r) – Serviços de agentes comunitários de saúde.

Parágrafo Primeiro – O disposto nesta Cláusula não autoriza outras formas de terceirização sem  
previsão legal.

Parágrafo Segundo – As partes podem, a qualquer momento, mediante comunicação e acordos  
prévios, ampliar o rol de serviços elencados no caput.

Cláusula Segunda – Considera-se cooperativa de mão-de-obra, aquela associação cuja atividade  
precípua seja a mera intermediação individual de trabalhadores de uma ou várias profissões  
(inexistindo assim vínculo de solidariedade entre seus associados), que não detenham qualquer  
meio de produção, e cujos serviços sejam prestados a terceiros, de forma individual (e não  
coletiva), pelos seus associados.

Cláusula Terceira – A UNIÃO obriga-se a estabelecer regras claras nos editais de licitação, a fim  
de esclarecer a natureza dos serviços licitados, determinando, por conseguinte, se os mesmos  
podem ser prestados por empresas prestadoras de serviços (trabalhadores subordinados),  
cooperativas de trabalho, trabalhadores autônomos, avulsos ou eventuais;

Parágrafo Primeiro – É lícita a contratação de genuínas sociedades cooperativas desde que os  
serviços licitados não estejam incluídos no rol inserido nas alíneas “a” a “r” da Cláusula Primeira e  
sejam prestados em caráter coletivo e com absoluta autonomia dos cooperados, seja em relação  
às cooperativas, seja em relação ao tomador dos serviços, devendo ser juntada, na fase de  
habilitação, listagem contendo o nome de todos os associados. Esclarecem as partes que  
somente os serviços podem ser terceirizados, restando absolutamente vedado o fornecimento



(intermediação de mão-de-obra) de trabalhadores a órgãos públicos por cooperativas de qualquer  
natureza.

Parágrafo Segundo – Os editais de licitação que se destinem a contratar os serviços disciplinados  
pela Cláusula Primeira deverão fazer expressa menção ao presente termo de conciliação e sua  
homologação, se possível transcrevendo-os na íntegra ou fazendo parte integrante desses  
editais, como anexo.

Parágrafo Terceiro – Para a prestação de serviços em sua forma subordinada, a licitante  
vencedora do certame deverá comprovar a condição de empregadora dos prestadores de  
serviços para as quais se objetiva a contratação, constituindo-se esse requisito, condição  
obrigatória à assinatura do respectivo contrato.

DAS SANÇÕES PELO DESCUMPRIMENTO

Cláusula Quarta – A UNIÃO obriga-se ao pagamento de multa (astreinte) correspondente a R$

1.000,00 (um mil reais) por trabalhador que esteja em desacordo com as condições estabelecidas  
no presente Termo de Conciliação, sendo a mesma reversível ao Fundo de Amparo ao  
Trabalhador (FAT).

Parágrafo Primeiro – O servidor público que, em nome da Administração, firmar o contrato de  
prestação de serviços nas atividades relacionadas nas alíneas “a” a “r” da Cláusula Primeira, será  
responsável solidário por qualquer contratação irregular, respondendo pela multa prevista no  
caput, sem prejuízo das demais cominações legais.

Parágrafo Segundo – Em caso de notícia de descumprimento dos termos firmados neste ajuste, a  
UNIÃO, depois de intimada, terá prazo de 20 (vinte) dias para apresentar sua justificativa perante  
o Ministério Público do Trabalho.

DA EXTENSÃO DO AJUSTE À ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA INDIRETA

Cláusula Quinta – A UNIÃO se compromete a recomendar o estabelecimento das mesmas  
diretrizes ora pactuadas em relação às autarquias, fundações públicas, empresas públicas e  
sociedades de economia mista, a fim de vincular todos os órgãos integrantes da administração  
pública indireta ao cumprimento do presente termo de conciliação, sendo que em relação às  
empresas públicas e sociedades de economia mista deverá ser dado conhecimento ao  
Departamento de Coordenação e Controle das Empresas Estatais – DEST, do Ministério do  
Planejamento, Orçamento e Gestão, ou órgão equivalente, para que discipline a matéria no  
âmbito de sua competência.



DA HOMOLOGAÇÃO JUDICIAL DO AJUSTE

Cláusula Sexta – As partes submetem os termos da presente conciliação à homologação do  
Juízo da MM. Vigésima Vara do Trabalho, para que o ajuste gere os seus efeitos jurídicos.

Cláusula Sétima – Os termos da presente avença gerarão seus efeitos jurídicos a partir da data  
de sua homologação judicial.

Parágrafo único – Os contratos em vigor entre a UNIÃO e as Cooperativas, que contrariem o  
presente acordo, não serão renovados ou prorrogados.

Cláusula Oitava – A presente conciliação extingue o processo com exame do mérito apenas em  
relação à UNIÃO, prosseguindo o feito quanto aos demais réus. Dito isto, por estarem as partes  
ajustadas e compromissadas, firmam a presente conciliação em cinco vias, a qual terá eficácia de  
título judicial, nos termos dos artigos 831, parágrafo único, e 876, caput, da CLT.

Brasília, 05 de junho de 2003.

GUILHERME MASTRICHI BASSO GUIOMAR RECHIA GOMES Procurador-Geral do Trabalho  
Vice-Procuradora-Geral do Trabalho

BRASILINO SANTOS RAMOS FÁBIO LEAL CARDOSO Procurador-Chefe/PRT 10ª Região  
Procurador do Trabalho

MOACIR ANTONIO DA SILVA MACHADO Procurador-Geral da União

HELIA MARIA DE OLIVEIRA BETTERO Sub-Procuradora-Regional da União –1ª Região  
Advogado da União

Testemunhas: GRIJALBO FERNANDES COUTINHO Presidente da Associação Nacional dos  
Magistrados da Justiça do Trabalho – ANAMATRA

PAULO SÉRGIO DOMINGUES Presidente da Associação dos Juízes Federais do Brasil – AJUFE

REGINA BUTRUS Presidente da Associação Nacional dos Procuradores